OBRAS INEDITAS

DE

ANTONIO DE ABREU

AMIGO, E COMPANHEIRO

DE

LUIZ DE CAMÕES

NO ESTADO DA INDIA.

FIELMENTE EXTRAHIDAS DO SEU ANTIGO MANUSCRIPTO, QUE POSSUIMOS EM PAPEL ASIATICO.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1805.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

VIDA
DE
ANTONIO DE ABREU,
EXTRAHIDA DA BIBLIOTHECA LUSITANA
DE
DIOGO BARBOSA MACHADO.

Tom. I. pag. 195.

ANTONIO DE ABREU, chamado por Antonomasia o *Engenhoso*, pela excellencia do seu talento, prompta agudeza nas respostas serias, e jocosas, e summa facilidade em compôr versos de varios metros, teve particular amizade com o nosso Principe dos Poetas de Hespanha, o grande Luiz de Camões, assim em Portugal, como na India, onde vi-

veo com elle muitos annos, de quem foi sempre fiel imitador, como testemunhão as pessoas mais eruditas daquelle seculo, e o poderião testificar as do presente, se seu irmão Fr. Bartholomeo de Santo Agostinho, antes de morrer, publicasse huma grande Collecção, que tinha feito dos seus versos sagrados, e profanos.

F I M.

SONETO

Ao Leitor.

I.

O' Vós, que ouvis o som dos nossos versos;
E minha antiga Rithma conhecestes,
Applaudi a quem fez diffrentes estes
Conceitos, dos antigos meus preversos;

E dos sentidos meus já a Deos conversos,
Que pera o seu louvor sempre estão prestes,
S' escandalo alguma hora merecestes,
Mudai-o agora em pensamentos tersos.

Rendei graças comigo da mudança
Deste estado sublime, e venturoso,
A' quella, que he de nós doce esperança:

Da qual s' ouvido chego a ser, ditoso
Meus dias passarei na confiança
De vir a ter hum eternal reposo.

SONETO

A S. Chrysogono Martyr.

II.

Do carcere do corpo, onde a alma solta
Da terra, já dos Céos sentia a gloria,
E bem tinha purgada a torpe escória,
Em que a fraqueza humana a teve envólta;

Chrysogono, á batalha o Máo te sólta,
Na qual delle ganhaste grão victoria,
Pois nem prompta vontade, e alta memoria,
Nem teu constante entendimento volta.

Acezo em fè constante, e verdadeira,
Tu lh' ensinas a ter do Céo lembrança,
E a seguir dos Santos a carreira:

O corpo elle te offende, e no mar lança
Obstinado na infernal cegueira,
Mas tua alma nos Céos feliz descança.

SO-

SONETO

A' Sepultura de Affonso de Albuquerque.

III.

O Corpo jaz aqui, que o grão thesoiro
De fé, de caridade, e de esperança,
Saber, justiça, esforço, e temperança
Guardou, qu'hora os Céos tem já divino oiro.

Venerou, e tremeo Gentio, e Moiro
Seu grave, e santo aspeito, e a fiel lança
Sempre ante elle venceo; tu que olhas, lança
Flores, versos, na Tumba, palma, e loiro!

De Reis vem, a Reis serve, e a Reis sugiga,
Tres sempre, e Reinos tres duas vezes toma,
E a Ormus sugiga a cervis imiga:

Em que barbara lingoa, em que idioma,
Igual Heroe se vio na Grecia antiga,
Na grão Carthago, na illustre Roma?

SONETO ALLEGORICO

Ao Padre Antonio de Quadros, defunto.

IV.

PEdra viva, e quadrada, polo eterno,
Senhor, feita para o Edificio santo
D'alta Hierusalem, tão justa, quanto
He sublimado o seu saber superno.

Pallida base do feliz governo,
Que sendo exprimentada, com espanto,
Deixaste o almo dia, e o negro manto,
Em que envolvido jaz o escuro averno.

Quadros, que quadros mil d'altas virtudes
Ao Ceo voando, cá na terra deixas,
Capazes d'acender mil peitos rudes:

Tu qu'as portas do averno ás almas feixas
Sê tu lá donde estás quem nos escudes,
E quem benino attenda as nossas queixas.

SONETO

A S. Boaventura.

DOutor das almas, qu' inflamado, e ardente,
Qual Serafim troxeste a alta dottrina
De fazer Anjos cá dos homens dina
Táo celeste, táo pura, e táo fervente!

A qual nos mostra qu' a tua alta mente
Nos Céos tomou, quanto de Deos ensina,
Quando porque s'abaixa humilde, indina
De mais perto o converta, encherga, e sente;

Daquelle odio, e desprezo que ensinaste
A ter de nós c'o escrito, e c'o exemplo,
Nos alcança que enchamos nossas almas;

C'o qual guardando a Deos em nós seu Templo,
Vencendo dos Demonios o contraste,
De mil victorias lh' offreçamos palmas.

SONETO ALLEGORICO

De Diogo Soares de Alvergaria a Antonio de Abreu.

VOsso divino Coito, Abreu, o dia
Me mostrou quasi em meyo á minha noite
Com cuja viva luz, vi como a noite
Estava des do meu primeiro dia.

O' poderosa luz, ó claro dia,
Que do error, em qu' envolto era da noite
Me tiras antes de vir a ultima noite,
Tras a qual discorrer não póde o dia.

Vós fostes a alva deste claro dia,
Que avorrecer me fez a escura noite,
Que m' encobria o meu sereno dia.

Alumiado da qual á infernal noite
Fujo, e contemplo o verdadeiro dia,
Que só póde dar luz á nossa noite.

SONETO

Segunda resposta.

A Carne, o Mundo, o imigo assi inquieta
A alma, Simão, na vida, que não sei
D' algum que não quebrante a santa lei,
Ou qu' a má tentação não acometa.

Culpa não he de fado, ou de Planeta:
Os Decretos manchar do Eterno Rei,
Mas sim do nosso natural, onde hei
Receo, e medo de vencer a meta.

Por isso só queria ser exemplo
Que imigo tal assi vencer procuro,
Contra o qual este só Senhor nos val:

Os olhos alça, ó alma, ao sacro Templo,
D' enganos, e embaraços bem seguro,
Que triunfante serás do eterno mal!

SONETO

Terceira resposta.

QUe alguem, caro Simão, vida quieta
Neste vil mundo tenha, não achei,
Por mais que peregrino o rodeei
Por terra, e mar da fria á ardente meta:

Senão quem vista, e amor deixa, e quieta
Na eterna luz, e amor que a humana grei
Veo a salvar, do que isto foi crerei,
Qu' as nuvens más a fogo tal derreta.

Só co a alma nos Ceos, no santo exemplo
Os olhos pondo, os lava, e limpo, e puro
O raio manda a ver misterio tal:

Donde tras pera a alma que fez Templo
Do eterno Deos compunção, que o duro
Peito da contrição mostra o sinal.

SONETO

A' Santa Cruz.

ARvore triunfal, victoriosa,
Que co a raiz no Ceo, ramos na terra;
A' morada infernal fulminas guerra,
Do passado triunfo inda pomposa.

Tu hes a via, por que á gloriosa
Corte se vai sómente cá da terra,
Quem purga do erro a alma que s' enterra,
Quando contrita a ti corre, e chorosa.

A ti, Senhora, a ti vou confiado
De ver teus doces ramos estendidos
C' o fruto da salvação ledo, e prezado:

Sê minha intercessora; e teus ouvidos
Benigna m' offerece neste estado,
Em que sómente ao Céo dou meus gemidos.

SONETO

A' Madalena.

COm Alabastro de precioso unguento
Na casa de Simão Maria entrou,
E sobre Jesu todo o derramou,
Lagrimas aos pés seus chorando cento.

O' engano do humano entendimento!
Toda a casa a santa obra mal julgou,
Só Christo a defendeo, só a louvou
Por Exequias do seu enterramento.

O' Profetiza rara, em cujo esprito
O amor do Christo entrou de tal maneira,
Que firme te fez ser, como era escrito!

Tu foste a immortal pedra, e verdadeira,
Aonde o nome seu ficou escrito,
Tu quem o viste ao Ceo subir primeira.

SONETO

Ao cerco de Chaul.

MAnda, alto Deos, nos Portuguezes peitos
Hum impávido esfôrço, como o antigo,
Qu' a frente abata ao cruel imigo
Ousado a destruir teus santos Feitos:

Plantada fique a Fé, e os seus Preceitos,
Qu' a Filho teu nos deo com peito amigo,
E elle sofra o exemplar castigo
Devido aos seus, e mais aos nossos feitos:

Nos olhos seus, que já olhar te sabem,
Tal luz lhe põe, que os Mouros vendo-a ceguem,
E com tua gloria a suas mãos acabem:

Como ovelhas perdidas se congreguem,
E envoltos no proprio sangue acabem,
Depois qu' ó Portuguez braço s'entreguem.

SONETO.

Ao mesmo Asumpto.

MAnda ora, alto Senhor, sobre a ousadia
Do cruel Mouro, esforço em teus Soldados;
Porque possão vencendo denodados,
Troncos mil esparzir na terra fria:

Nos peitos seus lhes põe tal valentia
Qu' os fortes Esquadrões deixem prostrados,
E só de os ver atonitos, pasmados,
Tremão ao soccorro, que tua mão lh' envia:

E desta rara maravilha, e gloria
Bem claramente tua, a ti se cante,
Acorde canto de eternal memoria:

O Lusitano povo te levante,
Padrão perenne sobre a sua historia;
Qu' os Polos ambos d' esplendor espante.

SONETO.

DElle mie gravi colpe anchora carco
Volto al sommo fattor battendo l' petto;
Et a colei che' n se li diè ricetto
Chieggio pietate, et a n' essere scarco.

Acciochè poi quando m' accada al varco,
Giunger di morte speri puro, e netto;
D' amor del mio Signor servo, e soggetto
Del cieco non ch'anchor minaccia l' arco.

Ascoltai, tremando a niquella voce
Che mi dica: Felice, e diletta alma
Entra meco a goder la gloria mia:

Or' mentre 'l vieta la corporea salma
Togliendo alle mie spalle la sua croce;
Per lei spero nel Ciel far mi la via.

SONETTO.

L'Ostinato furor de' gravi errori
Ove poc' anzi stette 'l mio core 'nvolto
L'alto Padre ferì si ch' o mai sciolto
Di lor n'andrò temendoli ancor fuori.

E ben convien ch' i li dia grazie, e adori
La virtù di sua destra, che lo stolto,
Voler cangió si ch' lui gia rinvolto
Arde 'l desir dietro a suoi santi amori.

Cosi sempre tu alor dolce n'vescato,
Lo sprito ardito andrà nell' alto cielo
Con l'ale di pensieri 'n terra santi:

S'io ne farò si con divoti pianti
Che 'l core acceso d' almo ardente zelo,
(Mercè de Dio) là merti esser levato!

SONETO

A' Sepultura de Belchior da Cunha.

GUarda esta humilde Pedra a cinza santa;
Que já vestio Belchior, cujo alto Esprito
Dado lhe foi por Deos, c'o exemplo escrito
O qual da terra ao Ceo hoje o levanta.

De raios mil vestido ledo o encanta
Na eterna Gloria a luz do Alto, e Infinito;
Onde a voz, que o som fórma, alçando o grito;
Por seir a Deos, já gloria e honra lhe canta;

A seus caros Irmãos, e ao fiel povo,
Deixar-lhe soube verdadeiro exemplo
Da vida sua, que cantando louvo:

E da terra voando ao sacro Templo
Este Esprito feliz, este Anjo novo,
D' eternos bens gozar ledo o contemplo;

SONETO

A S. Lourenço Martyr.

ENvolto em vivas brazas, e na chama,
Posto no Sacrificio alegre estava
Lourenço, e só aos Céos alevantava
Os olhos, querendo ver a Deos que o chama.

Tão forte he o ardor com que a Deos ama,
Que o coração no peito lh' abrazava;
E o fogo, em que arde vivo, desprezava:
Tanto o dos Ceos o arrebata, e inflamma!

Benigno recebe o ardor do fogo,
No qual encontra doce refrigerio,
Da Gloria certo, a quem dirige o rogo:

Coroas mil de triunfo em seu Imperio
Tecer lhe manda o Ente eterno logo,
Apenas vê sua alma outro Esmisferio.

SONETO

A Jesu Christo.

CHamei, Senhor, por ti, regando o estrado
Com lagrimas de minha consciencia,
Bem sei que não mereço achar clemencia,
Nem, sem tua graça, ser justificado.

Mas do esprito contrito o puro brado
Na Ara da bondade da tua Essencia,
C'o coração provado em paciencia
A' tua vontade offerecido, e dado:

Elles m' alcancem teu amor immenso,
E minha alma abrazada em vivo fogo
De desejos, t' offreça o puro incenso:

Desta arte poderei alçando o rogo,
Tua morada ver ledo, e suspenso,
E do Mundo sahir com desafogo.

SONETO

A' inconstancia, e volubilidade do Mundo.

Riquezas, e honras vans, que, ó vario Mundo,
Dentro do céo teu volves cada hora,
Inda primeiro que a luzente Aurora
Banhe de luz o Globo alvo, e rotundo;

Delles fugindo vou ledo, e jucundo
A' solidão, aonde o prazer mora,
Pois temo, e tremo que qualquer demora
Me não soterre neste val profundo.

Deixai-me viver já, sem o triste engano,
Em que errante vagava esta pousada,
Feita para o mortal, por Deos Sob'rano;

E izento da carne tão pezada,
Izento huma vez de todo o damno,
Da terra suba á immortal morada.

SONETO

Ao dia de todos os Santos.

AOs que acabárão em teu serviço santo,
Livres em vida do mundano enleio,
Por terem de teu amor seu esprito cheio,
Da gloria tua veste o eterno manto.

Benigno Pai, aos outros, que inda tanto
Bem não merecem, e a que convem por meio
Do fogo ser purgados, abre o seio
Da clemencia ao desterro, á pena, ao pranto!

E neste santo dia, que a memoria
De todos encommendas, celebra a Esposa,
Que o Ceo dotou de Graça tão notoria:

Seus ais ouve na Patria venturosa,
E manda aos Anjos dessa eterna gloria,
Que nos alcem de estancia tão penosa!

SONETO,

Ou invectiva contra Chaul no tempo do cerco.

MÃi dos deleites, da cubiça, e onzena,
Perversa escola, e só de roubos cova,
Que ós vicios todos torpe altar renova,
E o Matrimonio de infiel acena.

Chaul dormente entre a frescura amena
Dos teus jardins, acorda a vida nova,
E s'o pouco temor de Deos to estorva,
Dos malvados recea a justa pena.

Coberta de pezâr, d'entre a ruinâ
Dos Edificios teus, alçando as palmas,
A Deos pede segura medicina:

E do pó da dor vestindo as tristes almas,
Aplaca d'huma vez a ira divina,
E do Ceo a tormenta enfrea, e encalma.

A D. Hieronimo Osorio Bispo do Algarve no primeiro dia de Janeiro.

ODE.

ONte acabou hum anno,
Outro se começa hoje,
De pressa passará como o passado;
O tempo voa, e foge,
E d'um em outro engano
Leva a vida apôs si, leva o cuidado.

Pelo que já passou,
Pelo que passa agora
Quasi o que póde vir póde julgar-se,
Ditoso a quem huma hora
Ditosa não faltou,
Em que podesse bem desenganar-se.

Ditoso a que a lembrança
Tem sempre no que vio
Que já não vê, e no que ainda está diante,
E pelo que sentio
Por vã julga a esperança
Que outros tem por seguro, e por constante.

Des-

Despreza vãos desejos
Da terra, e com espritos
Altos aspira ao bem que sempre dura,
E com secretos gritos
Nunca a este fim sobejos,
Traz o Céo a sua alma limpa, e pura.

Este tem paz comigo,
Este de máos enganos
Vive seguro, e livre, e em si seguro;
Começão, acabão os annos,
Vem hum, e outro perigo,
Esconde-se em si mesmo em ocio puro.

Em si tem seu descanço,
Comsigo se contenta,
Como quem só de Deos em tudo pende,
Ora brava a tormenta,
Ora o mar veja manso,
Igualmente a fortuna se defende.

Mas ah quão raramente
Hum destes ha na terra!
Que louvores merece o que assi ouvesse,
Quantos tem dura guerra
Em si continuamente
Que sem este mal vivesse, ou não vivesse.

Do-

Do que viveo esquecidos,
Do que vê descuidados
O que inda podem ver á vista escondem,
De vã esperança guiados,
Vão tras ella embebidos,
Surdos, que nem nos ouvem, nem respondem.

Comsigo sempre inquietos,
Que embaração sempre a alma, e a vida enleão,
Hum anno, e outro corre,
Hum tempo, e outro voa,
Nenhum anno, ou tempo ao bem os leva,
Nelles nunca o bem soa,
Tudo em vida lhes morre,
Nelles tudo lhe gea, e tudo neva.

Tu rarissimo esprito
De nossa idade gloria,
Clarissimo, prudente, grande Osorio,
De cuja alta memoria
Levanta a fama hum grito
Té o Ceo que da terra em ti deo grão thesouro.

Quão longe nós do cego
Vulgo, que ou não s' atreve,
Se bem, ora o não entende, ora s' engana,
Que segue a que mais deve

Fu-

Fugir, que o bom socego
Foge, e tem só por gloria, gloria humana
Com letras nos ensinas,
Com virtudes nos moves,
E com santos costumes nos reprendes,
Em nossas almas choves
Certas, e altas doutrinas,
Que o bem do Ceo, e o mal da terra entendes.

Em ti agora revivo
Gosto de antiguidade
Com espanto se lê, s'ouve, se conta;
Longa, e ditosa idade
Osorio vive, vive,
E viva em ti quanto o Mundo espanta:
A mil Janeiros vejas,
Dado o primeiro dia,
A mil Dezembros ledo o derradeiro;
Com tua prudencia, guia
Clara, e certa, nos vejas
Com tua virtude, e exemplo verdadeiro.

F I M.

SEXTINA ALLEGORICA.

AQuella minha cegà, e errada conta,
Que apoz si me gastou mal tantos annos
Da soberba, e ambição, movendo o vento,
Que alçava da cubiça a inchada véla,
Senti, já quando do naufragio a força
C'o embate c'o a náo me cercou d' ondas.

Nadando então por entre as bravas ondas,
Chorando às culpas da passada conta,
Pedi temendo á morte crúa força,
Com que sahindo á praia, os longos annos,
Que navegára com tão torpe vela,
E visse que se forão como vento.

E novamente a minha vida ao vento
Do vário Mundo, e alteradas ondas
Dei, c'o a melhor náo, Piloto, e véla,
E fiquei c' huma náo, e longa conta,
Cujo fim não temesse o andar dos annos,
Nem pudesse mudalla a sorte fraca.

Para à fazer então firme, e não fraca
Fiz da virtude ó que do fumo, e vento;
Longos annos alcei a novos annos,
Lancei delles hum mar d' ardentes ondás,
Do passado tomei estreita conta,
E dei ao vento do desprezo a véla.

Quanto mais fui largando a humilde véla,
Fez-me o contrario vento menos força,
Fiz da viagem mais segura conta,

Sen-

Sentindo perto ver prospero vento;
O mar tranquillo, e com mansas ondas
Que esquece da tormenta os negros annos;
Provemos a viagem eternos annos,
E o eterno Senhor á não, e a vela
Me deo, para passar do mundo as ondas,
De que elle m'abrandou a furia, e força
De graça soá ao suave vento,
E cedo espero o premio á nova conta
Da errada conta, em que perdi meus annos;
Ao vento dei, olhando aos Ceos, a vela,
Onde espero ir rompendo força d'ondas.

FIM.

DESCRIPÇÃO GEOGRAFICA DE MALACA,

CHAMADA DOS ANTIGOS

AUREA CHERSONESSO.

I.

O Sabio Homero, o Livio, o Mantuano,
E os mais do Parnaso laureados,
Que escrevêrão o ficto, e o profano,
E os feitos dos Antigos sinalados:
Mil louros dão ao nome Lusitano:
E a seus heroicos feitos sublimados
A fama pelo mundo os apregoa
Da fundação de Ulysses até Goa.

II

Grandes os conta a terra, e os mesmos Ceos
A gloria immortal tendo por Chronista
De toda a Europa, e Asia c' os troféos,
Onde tem dilatado a grão conquista:
O seu louvor izento de labéos,
Já no mundo não ha quem lhe resista:
O mesmo tempo delles s' amedrenta,
E de seu braço rigido os izenta.

III.

Empreza he de Minerva, e de seu Coro
De todo o raro engenho, e peregrino;
E até de Plectro d' Anfiam canoro,
O Lusitano esforço, e seu destino:
Elle conta de si seu proprio foro;
Que não ha mister forja este ouro fino;
Por todo o mundo contão seus louvores
Os Gregos e Latinos Escritores.

IV.

Traçar somente quero a Inscripção
Da Gentaria, Malaio Chersonesso,
Da terra, e mar da gente a condição;
Do regime, do trato, e de riqueza:
Do astuto imigo nosso a pertenção,
Com que o esforça a gente Portugueza:
Da usança da paz, e mais da guerra;
E do regime, que em si tem a terra.

V.

Passando o Oriental mar por Taprobana,
E colhendo nas ondas espumosas
O celebrado Ganges, que a profana
Gente lava, em sorte desditosa:
Dalli correndo a terra Mortavana
De Bramas gentes fera, e viciosa
Despede hum longo braço c' o preceito,
De nunca Eolo ter nelle direito.

Obrou

VI.

Obrou a natureza por tal arte
Por bem duzentas legoas que o estende,
Tendo Aurea Chersonesso d'huma parte,
E da outra o grão Malaio que o defende:
As bocas lh' estreitou mais no remate,
Com que Neptuno humilde se lhe rende
Cruzar, e a pôr este grão thesouro,
A droga, a pedraria, a prata, o ouro.

VII.

Este braço Oriental tão affamado
Gentilico Imperio, e inhumano
Mahometico todo nomeado
Por muitos annos foi de Rei profano:
Propicio vendo o barbaro seu fado,
Presume mais de si que ser humano;
Mas desta presumpção o desengana
A invencivel gente Lusitana.

VIII.

Neste rico Arquipelago do Oriente
Para a parte do Artico assentada,
Jaz n' uma estancia fertil, e eminente,
De Malaca à Cidade memorada:
De povos Orientaes, e do Occidente
Por causa do Commercio frequentada,
Querida dos amigos por preceitos,
Temida dos imigos por seus feitos.

IX.

Pelo centro hum formoso, e caudal rio
Bem como o Tibre a Roma afermosenta,
Formoso, cristallino, e mui sombrio
De mil Nações por pontes se frequenta:
D' uma parte, e da outra o vil gentio
Se recolhe ao Luso em torre izenta,
Reparo algum não tem firme, e seguro,
Que o Luso braço não consente muro.

X.

O Monancabo a vizita, e enche d' ouro
Das riquissimas minas, e caudaes
De safiras, rubís o Pegu Mouro,
De perolas sem preço Orientaes:
Os braços tem já puros de thesouro
Da roca velha, e todos desejais
O branco de Camfora acompanhado,
E de Ambar outros muitos mais prezado.

XI.

Do subido ouro o astuto, destro Chim
De fina seda, almiscar, porcelana,
O Samatra de suave beijoim,
E tudo, em que se seva a sede humana:
O rico Siam já dado ao Bremim,
O Cochim de Calemba que oleo mana
De Sapam, chumbo, salitre, e vitualhes
Lh' apercebem celeiros, e muralhas.

Os

XII.

Os Sundes, e Malaios com pimenta;
Com massa, e nós os ricos Bandanezes,
Com ropa, e droga Cambaia a opulenta,
E com cravo os longinquos Maluquezes:
Bengala com mil panos a frequenta,
Nem falta São Thomé com seus tres mezes;
Esta de mantimentos a fornece,
Java de cavallos a guarnece.

XIII.

Alli a subtil obra do Japão
Precede inda á materia d' ouro, e prata,
O tecido, e o lavrado d' invenção,
E o mais de que a Musa aqui não trata:
Avaros peitos fartos ficarão,
Almas não, que a cubiça não se farta;
Aqui jaz o Thesouro Oriental,
Que s' espalha por tudo o Universal.

XIV.

Mas s' isto em muito tendes, tende em mais
O que tanto precede ao recontado,
A virtude dos proprios animaes,
Que nelle vi, e tenho experimentado:
O Unicornio que tanto decantais,
Por outro nome Abada nomeado,
Não ha cousa em seu corpo sem proveito,
E contra todo o mal, nenhum [illegible].

XV.

Com grandeza não chega á sua altura,
Mas sendo quasi igual ao Elefante
Nos pés, pois não possue nelles juntura,
Nem se póde deitar que se levante:
De mula tem o rosto, e em tromba dura
O curto, e grosso corno de diamante,
A boca mui rasgada, os peitos grossos,
Em cada pé tres unhas, fortes ossos.

XVI.

'As pedras de sevar tão celebradas
Pelo mundo por usos excellentes,
De buxos de Bugios são tiradas
Nestes Malaios matos florecentes:
E as de porco espim tambem dotadas
Aqui vi de virtudes eminentes,
E o cornicho que a cabra tem sómente,
Desfaz a dura pedra em continente.

XVII.

A estas deo o Ceo virtudes taes,
Que ao mal de qualquer sorte tem respeito;
Dellas usão os Reis Orientaes
Do fysico mofando, e seu preceito:
Contra o que he frio, e quente, e contra o mais
Que dana o humano ser, fazem proveito,
E só contra a peçonha racional
Do iniquo peito humano, nada val.

Aqui

XVIII.

Aqui o Capro Signo he temperado,
E o Leo contra a antiga Geografia,
De boninas matiza o verde prado,
E a ribeira jaz sempre sombria:
O bosque todo o anno está occupado,
Que feios animaes estranhos cria,
Tal que Venus, e Marte de viçoso
O escolhem para o seu furto amoroso.

XIX.

Aquí na mata espessa, e brando feno,
Ambos doces effeitos concluírão,
E ora em verde outeiro, ora em ameno,
Ás armas, e o amor almas unírão:
Aqui o dourado pomo, que o veneno
Esconde dentro em si, ambos fruirão,
O Satyro d' inveja desatina,
E o Fauno que os vê d' amor se fina.

XX.

Cinthia, Cinthia formosa affeiçoada
A terra que lhe deo contentamentos,
A destina á Nação mais estimada,
E traz a Lusitania a seus assentos:
A gente ao seu Mavorte assemelhada,
E que possue d' amor seus movimentos;
Já d' uma, e d' outra cousa a preeminencia
O tem mostrado a longa experiencia.

XXI.

A forja onde o fino amor s'apura
Dos vassallos, he do Rei a gratidão,
Esta dilata o Imperio, e a ventura,
E não desarma seu poder em vão:
Esta cria o esforço, a chaga cura,
E torna Heroe ao minimo Varão,
Esta dilata sempre ao Luso Estado
Por mar, e terra além do imaginado.

XXII.

Este criou aquelle Heroe valente
Affonso d' Albuquerque, que famosos
Feitos obrando, ganha no Oriente
A mór parte de Reis mui bellicosos;
Pois me falta o estilo competente,
E os versos d' Homero sonorosos;
Só direi, que seus feitos bem mostrárão,
Que pela Patria, e Rei s' exemptárão.

XXIII.

A tudo vence amor, ou tarde, ou logo,
Que o peito que he leal, e amoroso
Traspassa pelo ferro, agoa, e fogo,
Constante, firme, ledo, e amoroso;
Creado este Heroe foi no Marcio jogo,
Aonde o esprito seu fez bellicoso
Por seu Rei concluio heroicos feitos,
Altos muros deixando alli desfeitos.

De-

XXIV.

Decanta tu, Caliope, o que obrou
O impavido Almeida memorado,
A quem da morte a fama libertou
D' immortal palma, e louro coroado:
Este foi quem a Patria sublimou
Com nome illustre, e feito signalado,
Aquelle que aquirio tanta honra, e gloria,
Que d' Asia, e Europa assumpto foi da historia.

XXV.

Amor que tomou sangue este potente
Das Turquesquas Nações, e das Sultanas,
A Zona torrida, e Bachina gente
Mahometicas, gentias, e profanas:
Decantem deste Heroe tão sabiamente
Quanto amou Leis Divinas, e as humanas.
Ditosa Lusitania, e o Outeiro
D' Abrantes, que criou tal Cavalleiro.

XXVI.

Recontem os Annaes mais verdadeiros
Da Lusitania historia Oriental
O quanto illustres forão taes luzeiros
Da sua feliz Patria Occidental:
Como forão Heroes, e Cavalleiros,
Em ganhar este Imperio alto, e Real;
Em defender a Patria, e ao Rei servir,
E seus rivaes imigos destruir.

XXVII.

Governa com poder, e mando izento
Todo este Sul do Norte separado,
Tendo posto por obra o fundamento
De abrir o Commercio desejado:
Sulcar por, nova via o salso argento
No lenho Canori abalizado,
E pôr em fim o Sul em grande conta,
Que a seu Deos, e Monarca tanto monta.

XXVIII.

Ao Malabar dar intenta, e ao Dachem
A perda tanto delles receada,
Que no Commercio aberto claro vem
Pela agoa, pelo fogo, e pela espada:
Meio abre ao Luso Estado qual convem
A fim da honra, e fé ser dilatada,
A náo já s' apercebe d' util gente,
Argonauta animoso, e diligente.

XXIX.

Prestes estava já a sabia gente,
Odiosa por robos, e affamada,
Trabalha cada hum com furia ardente
Para a empreza em seu damno designada:
Em váo a Costa s' arma deligente
De bellicosa furia, e mão armada,
Porque chegando Almeida denodado,
Desfeito deixa todo aquelle Estado.

Ajuda

XXX.

Ajuntão com presteza os Samatrinos
Galeotas, e Galés a mais de cento,
Não lhe faltão canhões, e columbrinas,
E bellicosa gente a seu intento:
Cem mil homens em guerras mui continos
Com Capitão d' esforço, e ardimento,
E não pertendem mais da cavalgada
Que a Cidade, e a não deixar queimada.

XXXI.

Sobre a tarde apparece na ribeira
Com soberba, e confiada presumpção
A Chersonessa Armada mui guerreira
Com Bandeiras, e Estendartes d' invenção:
Do levante a ordem guardão, e a maneira
Em cerrado, e aberto o Esquadrão,
O mar enchem de vélas infinitas,
E o ar de instrumentos, e de gritos.

XXXII.

Commettem a grão não em noite escura,
Fazendo o fogo hum dia luminoso,
D' esforço estando cheia, e da ventura,
E do Luso valor sempre animoso:
Cada hum dos Argonautas bem procura
Nesta empreza ganhar hum nome honroso;
Vencem animos altos em peleja
Toda a cousa por ardua que ella seja.

Os

XXXIII.

Os barbaros com huivos desmedidos,
(Presagio verdadeiro de seus males)
Com estrondo que turbão os ouvidos,
Atroão de Neptuno os fundos valles:
Ostentão-se soberbos, e ardidos,
Antes que ó valor Luso abales, talles!
Oh que espantosa scena parecia,
O ver que tudo em fogo, e grito ardia.

XXXIV.

Pega o fogo por vezes, Deos o apaga,
Tudo tenta o brutal commettimento,
Cada hum com desprezo a vida estraga;
Porque nenhum a quer sem vencimento:
Tentão com furia huma, e outra ilharga,
Mortes atalhão com subtil intento,
Só lembra ao Luso, Mouro aqui vencer,
Nada deixando de por temor fazer.

XXXV.

Com oleo, e cal, penedos, e pontões
Com artificios mil, e surriadas
Os convida Caranja, mas montões
D'almas sahem dos corpos desatadas:
Perdem vidas, Gales, e munições
Em menos de tres horas desastradas:
De sangue o mar, e terra s'alagou,
E o Luso Estendarte s' arvorou.

XXXVI.

De supito no mar, e terra logo,
E na Cidade dando o Ariplena
Com animoso assalto acende fogo,
Porém nas chamas soportou a pena:
Ceos, que incendio! mas o justo rógo
Movendo ao Summo Bem, depressa ordena,
Que o cristallino pólo se turbasse,
E que hum diluvio d' agoa o apagasse.

XXXVII.

Tudo perdem no mar, e na Cidade,
Os que quisão entrar nella enfurecidos,
Mil delles sobrevem em quantidade,
Porém logo se vem arrependidos;
Muito mór lhe parece a mortandade,
Do que he a ingente copia dos feridos;
Deixando o campo em fim as cóstas dérão,
E as armas largando s' acolhêrão.

XXXVIII.

Trabalha então da perda por forrar-se,
E em outro mór combate refazer-se,
Porém peiora, em vez de melhorar-se,
E acaba no affinco de perder-se:
Ousado, e temerario quer chegar-se,
Mas o temor o faz arrepender-se,
Retira o por fim o grave damno,
Avisando-o já tarde o desengano.

XXXIX.

Os Elementos quatro lhe impedírão
Por Divino favor o que esperavão,
No mar a agoa, e vento lhe affundírão
Galés, e Galiotas que estimavão:
Contra elles terra, e fogo assi conspirão
Que os vivos com os mortos s' ajuntárão,
Vendo-se conjurados n' um momento
Contra elles o mar, terra, fogo, e vento.

XL.

O' poderosa mão de Deos armada
Contra o infido Mouro, e femenrido,
Sejais na terra, e Ceo sempre exalçada
Com terno peito, e coração rendido:
Pois tendes a soberba derribada,
Não só deste rival torpe, e descrido,
Mas d' outros, igualando com o chão
O poder de Melique, e de Hidalcão.

XLI.

Não fica em pé o iniquo Malabar
Imigo fero, audaz, e bellicoso,
Contra quem mais que o esforço a manha val;
Sendo o menos dos quatro poderoso:
Unidos bem puderão conquistar
O Mundo, e não lhe ser difficultoso,
Vêde o poder de Deos, que n' um só anno,
Os desfez pelo braço Lusitano.

Mil

XLII.

Mil graças rende Almeida da victoria
A quem dellas Author he conhecido,
Já que por seu serviço, honra, e gloria
De lha dar tão felice foi servido:
Pede-lhe o que trazia na memoria,
Que he ver-se de Malaca despedido,
A Coge s' apercebe, embarca a gente
Na náo s' embarca o Costa deligente.

XLIII.

Entregando o Governo de Malaca,
Já senhor do despojo Oriental,
No dia dos tres Reis feliz s' embarca
Co a nova pertenção Occidental:
Alli a cruel Parca audaz o ataca,
Mas nada se Deos quer a Parca val;
Abrio a náo tal agoa dando á véla,
Que pouca esperança ouve de vencella.

XLIV.

Vencida quasi esteve a náo por agoa,
Que vencer nunca pôde ferro, e fogo,
Sem ter remedio algum, mais do que a mágoa
Neste aso da fortuna, e de seu jogo:
Mas Deos que foi a guia desta taboa
Ouvio do Luso peito o justo rógo,
E a viagem faz seguir perigosa
Com titulo mais justo, e milagrosa.

Sem-

XLV.

Sempre Deos favorece o bom respeito;
E sempre os Heroes tem de sua mão,
Passa o mar, e dos ventos a despeito
Victorias mil alcança ao Hidalcão:
Com esforçado brio, e Luso peito
O fim vence de sua pertenção,
A' Patria chega, e do Rei he recebido
Com pública honra, e peito agradecido.

XLVI.

Da viagem lhe deo, e dos perigos,
Das guerras, e do encontro Samatrino,
Do seu poder, estado, e dos amigos;
Das Armas, da Milicia, e culto indino:
Do meio d' extinguir estes imigos,
Que tanto anhela com favor Divino,
Estas palavras a bom Rei dizia,
E deste geito Almeida respondia.

XLVII.

Poderoso, e alto Rei, a occasião,
Que Deos off'rece agora d' extirpar
O Samatrino Imperio, em nossa mão
Por certo está, e a fé sua dilatar:
Não percas pois, Senhor, esta sezão,
Que ao diante será de danos mar
Olha que a tempo és disto avisado,
Olha bem o que importa a teu Estado.

Da

XLVIII.

Da aurea Taprobana até Japão
S' estende hum largo, rico, e vasto Estado,
O qual com poucas forças, e invenção
Poderá ser por ti senhoreado:
De tudo verás presto a conclusão,
S' ó Samatrino fôr dalli lançado,
Debaixo estando tudo d' uma chave
D' uma porta, que feche este conclave.

XLIX.

São terras de Nações á razão dadas,
Que se podem domar, e converter,
De todas as riquezas semeadas,
Que a mortal gente sôe em muito ter:
Sádias, e de bens mil abastadas,
De tudo quanto pende o humano ser,
Não deixes pois, Senhor, tão nobre empreza,
Aonde ganharás honra, e riqueza.

L.

Entrão no Adachem cem náos cada anno
De bellicosos Turcos, prenhes d' ouro,
Das quaes tirão proveito, e fazem dano,
Pois dão engenho, e arte ao forte Mouro:
Mil, e vinte quintaes, que não m' engano
De pimenta retorna a seu thésouro,
S' isto pois atalhar se não procura,
A possuir virão a mór ventura.

LI.

Suâ guerra he já guerra guerreada,
Seu desenho até aqui foi differente,
Negocêa com ouro, e Embaixada
A outros Reis envia do Oriente:
Determina atalhar com suá Armada
Os bens, que vem do Sul tão facilmente;
Cercar já mais Malaca não pertende,
Pois he por outro modo que a offende.

LII.

Dá ao Turco infido Samatrim
Aviso deste estado, e esperança,
Este incita com ouro ao Çamorim,
Com Hidalcão, e Melique faz liança:
Porque fulminem guerra ao nosso fim;
E fique seu Estado em segurança,
A todos peita, e pondera a obrigação,
Que tem de devastar todo o Christão.

LIII.

Os nervos principaes são os direitos,
Que sustentão no Oriente ao teu Estado;
E este vem do Sul por dous Estreitos,
Bem como ao Mundo todo está mostrado:
Salècu, e Sincapura bem acceitos,
Pelo sab'roso fruito, e desejado;
Destas duas gargantas tudo pende,
Que este inimigo atalhar tanto pertende.

Ao

LIV.

Ao teu General do Oriente,
Tão importante empreza só compete,
Que o mandares lá a outrem do Ponente
Divisões, e incommodos promette:
Ventar Sul contra o Norte de repente
O mar atravessado logo mette,
Porque o jardim do Norte he só regado,
Com as agoas do Sul, e aproveitado.

LV.

O Turco, o grão Mugol, o Hidalcão,
Zimaluco contiguo, e Malabar.
Alçada sempre tem a forte mão,
Tempo guardando fixo, e bom lugar:
Daqui resulta ao Norte a occasião
Para todo o favor ao Sul negar,
Pois estando a seu cargo, e provimento,
Não podem faltar meios ao portento.

LVI.

Procede d' alma, e honra amor levado
A seu Rei nas lembranças proveitosas,
Mas quem obviar póde o destinado
E o giro das estrellas luminosas!
Intentar commetter he de ousado,
Do grande o pertender cousas honrosas;
Vencer quizera logo o animoso,
Mas foi-lhe o fado avaro, e invejoso.

LVII.

As nove Irmãs que no Parnaso habitão,
E se banhão nas agoas Cabalinas,
Me aconselhão, pedem, e ainda evitão
Não prosiga nas cousas Samatrinas:
Hum novo Canto a começar m' incitão
Em altas cousas de memoria dinas,
S' intentallas cantar o estilo rudo
Desculpa obedecer ás Musas tudo.

LVIII.

Descançar quero um pouco, pois m' obriga
D' hir cantar outro assumpto dos portentos,
Da fortuna, e Neptuno duro imigo
Como de Eólo os rijos movimentos:
Os successos, os casos, e o perigo,
A que homens derão causa, e elementos,
E por fim o que o nosso bom destino
Alcançou por hum meio tão divino.

FIM.